



ÁFRICA VISTA POR UM NEGRO BAIANO: NOTAS ACERCA DAS LEITURAS DE MILTON SANTOS SOBRE ÁFRICA¹

Diogo Marçal Cirqueira²

Resumo: Nesse artigo abordaremos as discussões e interpretações do geógrafo Milton Santos acerca de África e dos africanos. Buscamos articular as leituras do intelectual sobre esse tema à sua trajetória. As análises aqui compreendem dois momentos na trajetória de Milton Santos: o primeiro, diz respeito a década de 1950 e início dos anos 1960, período no qual ele produziu sua tese sobre o povoamento da Bahia, cujo um dos grupos abordados são os africanos, e realiza viagens políticas e de estudo para países do continente africano, a partir das quais produziu o livro *Marianne em Preto e Branco* (1960) e os artigos jornalísticos *L’afrique vue par un noir américain* (1962) e *Nossos irmãos africanos* (1962). O segundo período compreende o ano de 1964 até o final da década de 1970, momento que o intelectual torna-se mundialmente reconhecido devido a suas pesquisas sobre os países do “terceiro mundo” e reside na Tanzânia (1974-76) com a tarefa de fundar o Departamento de Geografia na Universidade de Dar es Salaam. Destacamos nesse período as análises sobre as cidades africanas presentes no livro *Manual de Geografia Urbana* (1981). Percebe-se com as discussões realizadas que África cumpriu um papel central na produção de uma teoria geográfica e uma “geografia imaginativa” mais complexas em Milton Santos.

Palavras-chave: Milton Santos; África; Geografia; Trajetória

AFRICA SEEN BY A BLACK BAIANO: NOTES ON MILTON SANTOS' INTERPRETATIONS ABOUT AFRICA

Abstract: In this paper we discuss the interpretations of the geographer Milton Santos about Africa and the Africans. We seek to articulate the intellectual's debates on Africa to his trajectory of life. The analyzes here comprise two moments in Milton Santos' trajectory: the first one concerns the 1950s and early 1960s, a period in which he produced his thesis on the settlement of Bahia, one of the groups addressed is the Africans, and he undertakes political and study trips to countries in Africa and produced the book *Marianne em preto e branco* (1960) and the journalistic articles *L’afrique vue par un noir américain* (1962) and *Nossos irmãos africanos* (1962). The second period comprises the

¹Partes desse artigo foram apresentadas no XI CONLAB - Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, realizado em Salvador-BA, em 2011.

² Doutor em Geografia pela UFF é professor no Instituto de Educação de Angra dos Reis (IEAR - UFF). E-mail: diogomc@id.uff.br



year 1964 until the end of the 1970s. In this moment, the intellectual became globally recognized because of his research on “third world” countries and went to live in Tanzania (1974-76) with the task of found the Department of Geography at the University of Dar es Salaam. During this period, we highlight the analyzes of African cities present in the book *Manual de Geografia Urbana* (1981). We can notice with this research that Africa played a central role in the production of a complex geographic theory and "imaginative geography" in Milton Santos.

Keyword: Milton Santos; Africa; Geography; Trajectory

ÁFRICA VISTA POR UN NEGRO BAIANO: NOTAS ACERCA DE LAS INTERPRETACIONES DE MILTON SANTOS SOBRE ÁFRICA

Resumen: En este artículo discutimos las interpretaciones del geógrafo Milton Santos acerca de África y los africanos. Buscamos articular los debates del intelectual sobre África a su trayectoria de vida. Las análisis comprenden dos momentos en la trayectoria de Milton Santos: el primero se refiere a la década de 1950 y principios de 1960, un período en el que produjo su tesis sobre la población del estado da Bahia en Brasil, uno de los grupos abordados son los africanos, y emprende viajes políticas y de estudio a países del continente africano, de donde produjo el libro *Marianne em preto e branco* (1960) y los artículos periodísticos *L’afrique vue par un noir américain* (1962) y *Nossos irmãos africanos* (1962). El segundo período comprende el año 1964 hasta finales de la década de 1970. En este momento, el intelectual se hizo mundialmente conocido debido a sus investigaciones acerca de los países del "tercer mundo" y vivió en Tanzania (1974-76) con la tarea de fundar el Departamento de Geografía de la Universidad de Dar es Salaam. En este período destacamos las análisis acerca las ciudades africanas presentes en el libro *Manual de Geografia Urbana* (1981). Podemos observar con esta investigación que África jugó un papel central en la producción de una teoría geográfica y una "geografía imaginativa" complejas en Milton Santos.

Palabra clave: Milton Santos; África; Geografía, Trayectoria

L’AFRIQUE VUE PAR UN NOIR BAIANO: NOTES DES LECTURES DE MILTON SANTOS SUR L’AFRIQUE

Résumé: Dans cet article, nous allons discuter les interprétations du géographe Milton Santos sur l’Afrique et les africains. Nous articulons des lectures de l’intellectuel sur ce sujet à sa trajectoire. Les analyses comprennent ici deux moments de la trajectoire de Milton Santos: le premier, on dit des années 1950 et le début des années 1960, période dans lequel il a produit sa thèse sur la colonisation en Bahia, en étudiant les africains et il a réalisé des voyages politiques et pour les études aux pays du continent africain où il a produit le livre *Marianne em Preto e Branco* (1960) et les articles journalistiques *L’afrique vue par un noir américain* (1962) et *Nossos irmãos africanos* (1962). La deuxième période comprend l’année 1964 jusqu’à la fin des années 1970, le moment où l’intellectuel est devenu mondialement reconnu grâce à la recherche sur les pays du "tiers monde" et résidant en Tanzanie (1974-76) avec la tâche de fonder le Département de Géographie dans l’Université de Dar es Salaam. Nous mettons en évidence les analyses des villes



africaines présentes dans le livre *Manual de Urbana Urbana* (1981). Il est perçu comme des discussions tenues en Afrique qui a rempli un rôle central dans la production d'une théorie géographique plus complexe et d'une «géographie imaginative» à Milton Santos.

Mots-clé: Milton Santos; L'Afrique; Géographie; Trajectoire

INTRODUÇÃO

Já tenho sido tomado por africano em outras partes do mundo. Nunca me havia ocorrido ser tomado por africano na África. (...) Não foi uma, nem foram duas vezes que no Senegal fui tomado por dahomeano, no Togo por senegalês, na Costa do Marfim e em Ghana por togolês. As combinações foram múltiplas, como na Matemática. E até por americano do norte, para meu desespero. Por brasileiro, jamais (MILTON SANTOS, 1962).

Milton Santos (1926-2001), ao longo de sua trajetória teórica e de vida, estabeleceu vários encontros com o continente africano. Nascido no Brasil, onde há uma negação de África como um de seus pilares formadores e vigoram “preconceitos bisonhos”, o intelectual experimentou em vários momentos o exercício de reflexividade face aos “nossos irmãos africanos” e pôde relatar sua “experiência pessoal, [d]estas terras donde partiram os antepassados, meus e de tantos outros baianos que não guardaram sua árvore genealógica” (SANTOS, 2004 [1962], p. 403). Do ponto de vista teórico e político, ainda que subestimado por pesquisadores, sua estada em África reverberou em “elaborações teóricas” mais complexas sobre o espaço (cf. SANTOS, 2004b, p. 109) e lhe permitiu reformular sua própria “geografia imaginativa”³ global, uma vez testemunhou em primeira mão as transformações e contradições da relação entre impérios coloniais e sociedades complexas rumo a descolonização.

Nesse artigo, abordaremos as discussões e interpretações do geógrafo acerca de África e dos africanos. De antemão, ressaltamos que não nos limitamos aqui a uma pesquisa bibliográfica. Tendo em vista que vida e obra se imbricam e se influenciam mutuamente (ERIBON, 1996, 2008), buscamos articular as leituras de Milton Santos sobre África à sua trajetória. Assim, as discussões que seguem compreendem dois momentos na trajetória de Milton Santos: o primeiro, diz respeito a década de 1950 e início dos anos 1960, período no qual o intelectual torna-se professor de Geografia no

³ O conceito de geografias imaginativas se refere à percepção de um espaço criado através de certas imagens, textos e discursos (SAID, 2006).



Colégio de Ilhéus e realiza seu doutorado na França, além de ocupar cargos institucionais e atuar como jornalista no estado da Bahia. Nesse momento, ele produz sua tese sobre o povoamento da Bahia cujo um dos grupos abordados são os africanos, e realiza viagens políticas e de estudo para países do continente africano, a partir das quais pode produzir o livro *Marianne em Preto e Branco* (1960) e os artigos de jornal *L’afrique vue par un noir américain* [A África vista por um negro americano] (1962) e *Nossos irmãos africanos* (2004[1962]).

O segundo período compreende o ano de 1964 até o final da década de 1970, momento em que Milton Santos encontrava-se exilado por conta do regime militar vigente no Brasil. Foi justamente nesse período e circunstâncias que, atuando como pesquisador e professor em universidades de vários países, tornou-se mundialmente reconhecido devido a suas pesquisas sobre os países do “terceiro mundo”. Para além de sua produção acadêmica, da qual destacamos as análises sobre as cidades africanas presentes no livro *Manual de Geografia Urbana* (SANTOS, 1989 [1981]), o intelectual residiu na Tanzânia e ajudou a fundar o Departamento de Geografia na Universidade de Dar es Salaam, o que demonstra sua participação em redes políticas e acadêmicas compostas por sujeitos do sul global.

Em síntese, o artigo está organizado na seguinte estrutura: primeiramente, trataremos das leituras de Milton Santos sobre a população negro-africana no povoamento da Bahia; posteriormente, discutiremos as leituras e as narrativas sobre sua primeira viagem à África expressas no livro *Marianne em Preto e Branco* (1960); em seguida, as suas interpretações sobre os impactos e conflitos da colonização em países africanos; subsequentemente, as leituras sobre o processo de segregação étnico e racial em cidades de países africanos; e, por fim, abordaremos o período em que Milton Santos viveu na Tanzânia e as reverberações dessa fase.

O ELEMENTO AFRICANO NO POVOAMENTO DA BAHIA

Milton Santos, em 1948, ao finalizar sua formação em Direito na Universidade da Bahia, em contraposição à carreira de funcionário público, decide seguir a profissão de professor de Geografia. Ele se submete ao concurso para catedrático da cadeira de Geografia Humana do Ginásio Municipal de Ilhéus, cidade situada na denominada Zona



do Cacau, ao sul do estado da Bahia, e é aprovado com mérito ao apresentar para a banca a tese *O Povoamento da Bahia: suas causas econômicas*. Essa tese foi publicada ainda em 1948 pela Imprensa Oficial da Bahia com o mesmo título, sendo o primeiro livro do intelectual.

Apesar de Milton Santos não gostar muito dessa obra e “não mostrá-la para ninguém” (SANTOS, 2004b, p. 91), como mencionou diversas vezes, esse livro reflete um momento histórico da sociedade baiana, do pensamento geográfico brasileiro e de sua trajetória, o que inclui sua produção teórica. Esse livro é importante para as discussões que realizaremos, pois, nele as diferenças étnicas no Brasil são abordadas e emergem também apontamentos sobre o papel e a composição dos grupos africanos no povoamento da Bahia.

Nesse livro, Milton Santos realiza, em sua perspectiva, uma “geografia histórica” do povoamento da Bahia e trata das causas econômicas que influenciaram esse processo. Em meio a esta discussão, é dedicada toda a primeira parte do livro aos “elementos étnicos” – leia-se, “brancos”, “indígenas” e “negros” – que participaram do povoamento do território baiano. Nos capítulos subsequentes, do mesmo modo, é abordado como estes se relacionam com as atividades econômicas neste mesmo território, apesar de extrapolar suas análises em alguns momentos para o território nacional.

Obviamente, como é explicitado no livro, não há como tratar de um “elemento étnico” isoladamente no processo de povoamento. Ainda assim, aqui, tendo em vista os limites de um artigo, focaremos no elemento negro-africano com o propósito de emprendermos uma melhor contextualização da abordagem e das referências utilizadas pelo intelectual.

Assim, referente ao “elemento negro”, “a sua vinda para aqui é típica da marcante influência da economia no povoamento da Bahia” (SANTOS, 1948, p. 37). Segundo o autor, as atividades empreendidas pelos portugueses no Brasil e em território baiano determinaram a necessidade de uma ampla força de trabalho, já que as atividades de extrativismo, agricultura extensiva e mineração exigiam mão-de-obra numerosa no período colonial. Esta situação influenciou o processo de escravização e transplantação de negros de África para o Brasil.

Segundo Milton Santos, a importação de escravizados para o Brasil apresentou quatro ciclos, os quais, por conseguinte, abrangeram quatro regiões africanas distintas:



“no primeiro século, o ciclo de Guiné; no segundo, o ciclo de Angola; no terceiro, o ciclo da Costa da Mina; no século dezenove, quando entraram em vigor as leis anti escravagistas, o ciclo do tráfico ilegal, porque proibido” (SANTOS, 1948, p. 38).

A Bahia e o Pernambuco foram os principais portos do tráfico transatlântico. Favoreceu para isso, “não só o fato do maior desenvolvimento econômico desses dois lugares, mas, também, a proximidade que a conformação da nossa e da costa africana apresentam, pondo a Bahia e Pernambuco a defrontar-se com os principais portos negreiros da África” (SANTOS, 1948, p.38).

O intelectual ressalta que predominaram na população baiana negros bantus e sudaneses, por conta, justamente, das atividades econômicas exercidas no estado. Os primeiros, “mestres na mineração”, dedicaram-se a esse exercício no interior do território baiano. Já os sudaneses estiveram envolvidos especialmente no cultivo da cana-de-açúcar, atividade em que eram especialistas.

Ainda segundo Milton Santos, apesar de bantus e sudaneses terem se destinado para várias localidades do território baiano, esses grupos se concentraram no Recôncavo, onde a economia era mais dinâmica na época. A partir dessa constatação, o autor adentra no debate sobre qual seria o ciclo mais importante na formação da população baiana, se o “ciclo da Guiné” ou o “ciclo de Angola”. Há, na sua visão, um debate que busca enfatizar, por um lado, a importância e superioridade de bantus na formação baiana e outra corrente que enfatiza os sudaneses. Mas, utilizando-se das leituras do historiador Luiz Viana Filho, enfatiza

não haver grande disparidade entre os números que participam das estatísticas de um, de outro ciclo e retificando conceitos que considera errôneos, quanto a uma possível predominância sudanesa, nas relações entre negros e brancos na nossa sociedade colonial (...) dos equívoco[s] consagrado[s] dos nossos historiadores e etnólogos, deve-se a predominância, que, de fato, tiveram os sudaneses nas revoltas e rebeliões negras da Bahia. A sua insubmissão, calcada talvez em motivos de ordem religiosa (...) refletia-se na sua retração a qualquer mistura, a qualquer integração, o que não sucedeu aos bantús, os quais ajudados pelo seu temperamento, diluíram-se na massa dos brancos, dando-lhes muita coisa de seu e em compensação apreendendo-lhes, também, muitas (SANTOS, 1948, p. 39-40).

Na interpretação de Milton Santos, ainda que algum desses grupos tenha predominado em determinadas atividades como a agricultura extensiva no Recôncavo Baiano, na mineração e extrativismo no Sertão e nos trabalhos domésticos na cidade de



Salvador, não é possível dimensionar níveis de predominância ou assimilação de ambos na sociedade baiana. Independente das controvérsias, uma de suas conclusões é que, ainda que tenha “se concentr[ado] a grande massa de escravos africanos (...) no recôncavo”, “grande, como podemos ver, foi a influência do negro, no povoamento baiano” (SANTOS, 1948, p. 40), pois, esse “elemento étnico” atingiu todas as regiões e lugarejos do estado.

Cabe aqui fazermos uma contextualização dessa obra, uma vez que ela foi elaborada em um momento peculiar dos debates sobre as relações étnico-raciais no Brasil. Desde a promulgação da República, há o sonho das elites brasileiras de civilizar a nação. Um dos nossos “problemas” era justamente a população composta majoritariamente por sujeitos tidos como inferiores (leia-se, negros, indígenas e mestiços). Vários pensadores se debruçaram analiticamente sobre a população brasileira para solucionar esse suposto “imbróglio”. Nesse contexto, os debates sobre a composição étnica e racial do Brasil, apesar de terem chegado ao seu clímax entre 1888 e 1920, ocorreram durante toda a primeira metade do século XX (cf. CIRQUEIRA, 2015).

Nesse sentido, frente ao processual descrédito que tomava o racismo científico, mesmo na Europa, ascenderam à hegemonia no Brasil perspectivas que valorizam a “mistura” existente no povo brasileiro. Na esteira desse movimento, enfatizava-se a inexistência de preconceito racial no país - inclusive, alguns pensadores consideravam o povo brasileiro moralmente superior aos povos dos países ditos desenvolvidos, onde ainda se praticava a repressão sistemática de grupos étnicos e raciais.

Estas supostas qualidades brasileiras assentadas na mestiçagem já vinham sendo exaltadas desde o final da monarquia (SANTOS, G. 2005; SKIDMORE, 1976; FERNANDES, 1972), mas seu marco se dá com a publicação em 1933 do livro *Casa Grande e Senzala* de Freyre (2002[1933]). Esse autor contesta as concepções racistas que arrazoavam o atraso da nação por conta da grande população de não-brancos e valoriza a mistura biológica e cultural existente entre as três raças – branca, negra e indígena, o que, segundo ele, formou uma “civilização nos trópicos” e um povo sem “preconceitos de raça”.

Acreditamos que Milton Santos, por ter vivido e realizado sua formação educacional formal em parte desse período, de 1936 a 1948, testemunhou os debates e perspectivas mencionadas acima. Todo esse contexto o influenciou, não somente a



discutir os “elementos étnicos” que participaram do povoamento da Bahia, como também, na maneira de teorizar acerca dessa questão. Ou seja, tanto a decadência das afirmações que previam a gradual eliminação de não-brancos até Segunda Guerra Mundial, quanto a ascensão das ideias que pensavam o povo brasileiro como a mistura harmônica entre brancos, negros e indígenas, deitaram sobre seu livro.

Desta feita, Milton Santos, em o *Povoamento da Bahia*, tem como referência principal para discutir o povoamento da Bahia a obra *Casa Grande e Senzala* (1933) de Gilberto Freyre, pois, ele trata dos “elementos étnicos” – negro, indígena e branco - tendo como filtro de análise o processo miscigenação, ainda que subordinado aos aspectos econômicos, como vemos abaixo:

O povoamento reflete, já, a influência direta dos fatores econômicos, seja a lavoura, seja a criação, determinando o deslocamento de grandes massas para o Brasil e sua conseqüente fixação ao solo, bem como a miscigenação, fator importantíssimo no crescimento de nossa população, resultado, por sua vez, do regime de trabalho adotado, por força daquelas ocupações (SANTOS, 1948, p. 35, grifos nossos).

Milton Santos, ainda que, por influência de Freyre, tenha matizado a contribuição dos "elementos étnicos" no processo de povoamento, inseriu-se nos debates do período sobre as relações raciais de um ponto de vista geográfico. Apesar de não ser pioneiro no que concerne a essas discussões no campo geográfico, notamos que o intelectual contribuiu à disciplina ao ressaltar a colaboração dos povos africanos (e indígenas) na formação socioterritorial brasileira e ao destacar como a dimensão espacial atravessou as relações raciais nesse processo.

Em abordagem que priorizou uma geografia histórica, tratou justamente da espacialidade do elemento negro-africano, seus deslocamentos e fixações no território brasileiro e baiano, do mesmo modo, tratou dos encontros/confrontos entre brancos, negros e indígenas (RATTS, 2004), pois, evidenciou as relações de poder e conflitos entre colonizados e colonizadores. A despeito de não demonstrar de forma enfática as relações históricas que constituíam a desigualdade centrada na população negro-africana, demonstrou a importância e a contribuição desse grupo na formação e conformação da sociedade e do território baiano e brasileiro.

IMAGENS DE ÁFRICA

Quando se encontrava em processo de doutoramento em Tolouse, na França, Milton Santos realizou sua primeira viagem ao continente africano, passou algumas semanas na região conhecida no período como *Afrique Occidentale Française* (composta por Senegal, Guiné, Costa do Marfim e Mali). Ele narra: “conheci a África a partir de 1958, quando acabei o doutorado. Tricart conseguiu que o governo francês me pagasse uma viagem por diversos países africanos, que estavam deixando de ser colônias francesas exatamente naquele momento” (SANTOS, 2004b, p. 98).

Anos depois, Milton Santos declara que essa primeira travessia do Atlântico, além de ter-lhe possibilitado conhecer países da Europa e da África, foi de extrema importância para construção de seu pensamento, já que nesse momento ele teve contato com uma escala mais ampla do mundo e observou a diversidade socioespacial existente neste. Isto fica expresso nesse fragmento de entrevista, ao ser indagado sobre as suas influências pessoais diante dessa viagem:

a minha viagem para a França foi a descoberta de que, de modo geral, os jornais não retratavam o mundo. Essa foi a coisa mais importante (...) Eu chego à França e abro um jornal chamado *Le Monde* e me pergunto: “mas o mundo é aquele que eu escrevo ou este outro?”. Foi esse meu primeiro choque, a primeira grande mudança na minha visão de mundo e, por conseguinte, da visão política. Depois, me recordo de ter visto, por exemplo, em Dakar, no Senegal, os sujeitos que ao meio-dia paravam tudo o que estivessem fazendo para se ajoelhar e virar para Meca. Tive que me perguntar: “mas eles gostam de Deus? Como é que fazem isso? Isso não é da Igreja católica”. Aí eu comecei, intelectualmente, a fazer a crítica do preconceito. Acho que as viagens me ajudaram a reduzir a carga de preconceito com que somos formados. (SANTOS, 2004b, p. 99-100).

Também é a partir dessa viagem que Milton Santos escreveu a obra *Marianne Preto e Branco*, publicada em 1960. Esta obra é a reunião de vários artigos, dentre os quais alguns foram publicados no jornal “A Tarde”. Neste livro há vários apontamentos teóricos que foram desenvolvidos com maior profundidade posteriormente pelo intelectual. Como exemplos, encontramos discussões sobre como a técnica influencia na constituição do espaço e acerca das “rugosidades” contidas nas paisagens.

Contudo, é importante destacar que o intelectual não busca estabelecer discussões estritamente científicas nessa obra. Como ele enfatiza, tenta fundir sem grandes pretensões o relato jornalístico com as análises geográficas. A propósito disso, ele alerta a seus possíveis



leitores que seus escritos podem se mostrar rasos para geógrafos e profundo demais para jornalistas⁴.

Muitos dos artigos foram referenciados em trabalhos de campo realizados na Europa e na África. Neles são abordados temas relativos à ciência geográfica – como gênero de vida, demografia, o urbano, o rural, a paisagem etc. – nos quais, como jornalista, Milton Santos se coloca como sujeito posicionado, ou melhor, constrói textos em primeira pessoa que deixam transparecer suas impressões e experiências pessoais – o que parecia ser típico das escritas jornalísticas da época⁵.

Em meio às várias elucubrações realizadas nessa obra, o intelectual, apesar de buscar referências universalistas da ciência europeia, discute os aspectos que compunham as diferenças entre a Europa – nomeadamente França e Portugal – e alguns países africanos – a maioria colônias francesas que estavam em processo de emancipação. Inclusive, o próprio título de *Marriane em Preto e Branco* traz essa questão:

Dedico-o [o livro], também à França eterna e à jovem África, cuja independência, por paradoxal que pareça, ajudou a formar. Daí o título escolhido: Marianne em preto e branco. Marianne é o símbolo da França imortal, cuja força é a do espírito, esse espírito que os nacionalismos africanos souberam absorver, a despeito de suas velhas tradições enraizadas; uma demonstração de que as forças espirituais não têm fronteiras, desconhecem ridículos preconceitos que separam os homens em ricos e pobres, pretos e brancos e amarelos, cristãos e muçulmanos, dominadores e dominados, democratas e socialistas e toda a gama de clãs em que humanidade inutilmente se divide (SANTOS, 1960, p. 06).

Podemos notar certo deslumbramento nos textos de Milton Santos acerca da Europa, tendo atitudes muito próximas do “complexo de dependência do colonizado”, do qual discorre Fanon (2008)⁶. A Europa é posta pelo intelectual como uma referência no

⁴ Na introdução o intelectual pontua exatamente isso: “Minha condição de jornalista e geógrafo não sei se foi um bem ou mal. Se, de um lado, aliou a curiosidade das coisas ao desejo de as interpretar, é bem possível que venha permitir ao homem comum, que me conhece como jornalista, acreditar que estou sendo empolado ou prolixo; e aos que sabem nos meios geográficos admitir que fui um temerário, abordando com leveza assuntos sérios. Não me incomodo de correr ambos os riscos, se a uns e outros este livro puder trazer uma informação sobre as regiões que visitei, na Europa e na África” (SANTOS, 1960, p. 05).

⁵ Milton Santos, em várias passagens do livro, ao tempo que realiza análises geográficas às qualifica subjetivamente, como nesse trecho do texto denominado “Retalhos da França”: “hoje a primavera me despertou com a surpresa de um sol inesperado. Não é mesmo a primavera! As árvores ainda estão nuas, não há verde, nem flores. É somente um anúncio. Agradeço à natureza a tolerância: um inverno relativamente suave, com temperaturas não inferiores a 10 graus abaixo de zero, uma primavera que teima em chegar antes da hora. É preciso festejar de alguma forma.” (SANTOS, 1960, p. 59). Isto também pode ser visto no texto “Paris”, em que o intelectual narra o encontro que realizou com essa cidade, a qual desde muito tempo já conhecia a partir de leituras e de falas de outros.

⁶ Ferreti (2020, p.14) apresenta um outro ponto de vista acerca dessa questão. De acordo com o autor, nos textos elaborados para o Jornal a Tarde que deram origem ao *Marriane em Preto e Branco*, “Santos tried



processo de desenvolvimento social e humano ao qual os outros continentes e países do mundo, não somente a África, deveriam seguir e atingir. Somente muito tempo depois Milton Santos observa isso com maior criticidade, tal qual veremos mais à frente.

O livro *Marianne preto e branco* está estruturado em três partes, dentre as quais focaremos na última: “Imagens de África”. Esta seção apresenta os aspectos geográficos e econômicos de alguns países africanos, alguns elementos da “África negra” ou do “mundo negro” (forma como Milton Santos caracterizou a região e os países que visitou na África Subsaariana).

Tendo em vista a concepção de linguagem mencionada acima, os artigos referentes aos países africanos, especificamente Senegal, Guiné, Costa do Marfim e Mali, são caracterizados por uma análise geográfica em que o intelectual se auto-evidencia na escrita. Num primeiro momento, Milton Santos trata dos aspectos econômicos relativos à implantação da agricultura moderna e seu choque com a agricultura tradicional nesses países. Muito influenciado por suas pesquisas na Zona do Cacau da Bahia (SANTOS, 1957), ele confere grande importância ao cultivo dessa fruta em alguns países africanos e sua possível concorrência no mercado internacional com o cacau produzido no Brasil.

Milton Santos, ao examinar esses temas, chama a atenção justamente para o “choque” entre as civilizações europeia e africana. Como é demonstrado, as novas formas de produção econômica, marcadas por “tecnologia desenvolvida” e a inserção de um modo de vida urbano-moderno, influenciaram nas formas “tradicionais” de produção agrícola e nas relações sociais e espaciais dos grupos “autóctones”. A partir de visita a Dakar, no Senegal, o intelectual pôde apresentar essa questão de forma explícita:

o que aqui se presencia é um brusco contacto entre dois mundos, um brutal entrechoque de civilizações. De um lado, a civilização europeia representada pelo comércio, as grandes companhias comerciais e os bancos, patrocinando ou animando, uns e outros, a substituição da velha economia agrícola por uma nova economia baseada sobretudo na agricultura comercial, especificamente do amendoim. De outro lado, a civilização indígena, local, africana mesmo, cuja estabilidade de há séculos – precário equilíbrio – se viu sacudida por êsse impacto violento (SANTOS, 1960, p. 97-98).

to revert the traditional colonizer’s gaze from North to South by addressing, for his readers, the social issues of the different French regions that he had the occasion to visit, from the problems of social housing to the miserable conditions of Spanish and Italian migrant workers. He was especially interested in some marginal regions of Southeastern France, which somehow recalled to him the ‘savage’ landscape of Northeastern Brazil, as ‘historical shelter for bandits’ in the Camargue case and ‘land of misery’ in the case of Lozère. This comparison became explicit when he translated French toponym La Brousse as Sertão, that is, the poor and marginalized backlands of the Northeast.”



Na esteira disso, como salienta o intelectual, ocorreu o surgimento de cidades e a “explosão urbana” nos países africanos. Os trabalhadores rurais ou foram atraídos pelo “modo de vida moderno” que exprimia as cidades formadas pela “civilização européia” ou foram expulsos do campo por influência do modo de produção tecnificado. Ao destacar o desequilíbrio que os novos modos de produção proporcionaram à sociedade e às instituições da “África Ocidental Francesa”, ele diz,

uma das conseqüências é a destribalização, a enorme atração da cidade tentacular, representada na paisagem por um número considerável de *bidonvilles*, onde se aloja tôda uma parentela que se vem encostar a um tio ou primo que encontrou colocação. Esse impressão de vivo contraste entre dois padrões de vida se atenua pelas numerosas construções a preço cômodo que aparecem na Medina e em outros bairros negros, e que Dialo, o chauffeur que o governador colocou à minha disposição, pacientemente me mostra, com uma certa ponta de orgulho. (SANTOS, 1960, p. 98-99).

Continuando, ele pontua que é nas cidades onde melhor se pode apreender o “choque entre as civilizações”, visto que

muitos dos velhos padrões se quebram, mas há, também, os que continuam intactos. Daí êsse espetáculo quase indescritível que é esta grande metrópole colonial [Dakar] em que se acotovelam brancos, negros e mestiços, católicos e muçulmanos, em que automóveis do último modelo passam pelas avenidas asfaltadas, palácios e arranha-céus se levantam de uma noite para o dia mas cuja riqueza humana provém da multiplicidade de aspectos; a espôsa do coronel que se traça pelo último modelo da Rua da Paz, levando em conta, porém, os rigores do clima; a bela negra que veio do Sudão e ostenta uma profusão de panos coloridos e cobre a cabeça com um turbante que mais parece uma coroa de rainha. (SANTOS, 1960, p. 98).

A viagem realizada por Milton Santos ao continente africano, em um momento em que poucos brasileiros podiam realizar tal façanha, o fez pensar acerca de suas origens e identidade. Isso se expressa na maneira como ele narra a sua identificação como um africano descendente e sua origem “possivelmente sudanesa”:

O nome dêsse país [Mali], em cujo coração estava outrora o reinado de Ghana, diz muita coisa a um brasileiro não muito seguro de sua árvore genealógica, de resto completamente inútil, mas desconfiado de que talvez aqui estariam suas origens. Um moço que vi na rua vestido até os pés com um belo boubou branco, bem parecido, me diz que estou bem em casa, conquanto a paisagem e tantas outras coisas sejam diferentes (SANTOS, 1960, p. 107)⁷.

⁷ Em contraposição, na seção de *Marrine em Preto e Branco* dedicado a França, há uma passagem contrastante relatada por Milton Santos sobre a experiência e percepção da diferença racial: “ainda outro dia conversava em um café, após o almoço, com minhas duas colegas cariocas, Lúcia Oliveira e Amélia



A cogitação de Milton Santos (2003 [1962]) sobre suas origens sudanesas provavelmente vem de suas reflexões acerca dos africanos sudaneses no Brasil. Em *O povoamento da Bahia*, ele diferencia os sudaneses de outros grupos étnicos africanos no Brasil, especialmente da etnia bantu, e afirma que, “a sua insubmissão, calcada talvez em motivos de ordem religiosa (...) refletia-se na sua retração a qualquer mistura, a qualquer integração, o que não sucedeu aos bantús, os quais, ajudados pelo seu temperamento, diluíram-se na massa dos brancos, dando-lhes muita coisa de seu e em compensação apreendendo-lhes, também, muitas” (SANTOS, 1958, p. 39-40). Milton Santos proveio de uma família inteiramente negra, provavelmente com pouca “mistura” com pessoas brancas ou outros grupos étnicos. Isso pode tê-lo levado a associar seus ancestrais aos sudaneses.

Por outro lado, as primeiras viagens ao continente africano o levaram a questionar também as representações distorcidas acerca de África que povoam o imaginário de brasileiros. Chama-nos bastante a atenção o espanto do intelectual diante de uma África que não condizia com suas representações e, sobretudo, a reconstrução de sua própria “geografia imaginativa” acerca desse continente.

Na cidade de Dakar, primeira cidade em que Milton Santos aportou em África, ele teve a seguinte reação:

Dakar, julho – Devo confessar a minha surpresa diante de Dakar. Esta cidade africana de população quase igual à metade da de Salvador, ultrapassa toda a minha expectativa e põe abaixo as impressões preconcebidas, oriundas de leituras, fotografias e filmes (...) É muito difícil apresentar Dakar tentando uma comparação com outras cidades européias, americanas ou brasileiras. É a primeira cidade africana que visito, o que me impede de esboçar uma comparação com outros centros urbanos deste mundo negro (SANTOS, 1960, p. 97).

Nogueira, quando um senhor, sentado defronte, delicadamente se escusou para nos perguntar “que dialeto africano estávamos falando”. Ele conhecia bem a África, acrescentou, havia percorrido diversas regiões, mas jamais ouvira aquele patuá. E mais: “estava muitíssimo admirado como aquelas duas moças brancas podiam entender e falar corretamente a mesma língua com um homem de côr”. A estupidez norte-americana de Little Rock acentuou, no espírito das pessoas simples que apenas lêem jornal, a impressão de que é impossível uma convivência sem atritos entre pessoas de raças diferentes, fora da Europa, onde os preconceitos raciais são inexistentes, o que ela deve à sua civilização”. (SANTOS, 1960, p. 20). Esse trecho expressa os estereótipos que interseccionam raça e espaço e definem lugares (físicos e simbólicos) na sociedade para diferentes grupos étnicos e raciais (cf. MCKITTRICK, 2006; RUFINO DOS SANTOS, 1996). Em resumo, uma pessoa branca só pode ser francesa; um negro necessariamente é africano. (cf. também FERRETI, 2020).



Do mesmo modo, diante dos estereótipos que cristalizam o continente africano em uma “imagem única”⁸, é apresentado por Milton Santos a diversidade social e física existente no continente africano. Em um texto que versa sobre a produção do cacau na Costa do Marfim, ele, com muito cuidado para não dar ressonância a essa ideia de “imagem única”, faz uma ressalva diante de suas colocações:

as observações que se seguem são superficiais e mesmo assim passíveis de equívocos, num país em que as grandes extensões fisiograficamente homogêneas não impedem que a multiplicidade de etnias o tenha enriquecido com uma variedade de aspectos humanos (SANTOS, 1960, p.87).

Apesar de suas discussões se centrarem na relação entre “o tradicional e o moderno” ou colonizados e colonizadores, o intelectual faz questão de identificar os grupos étnicos africanos e caracterizá-los. São citados os grupos Bambara, Peulh e Oualof, acerca dos quais Milton Santos trata de seus gêneros de vida e hábitos culturais, como por exemplo: suas técnicas de agricultura, de arquitetura, as migrações rituais e influenciadas pelo meio físico, das vestimentas típicas etc.

No trecho a seguir, em que é descrito a indumentária de uma mulher da etnia Oualof, a tentativa de demonstrar a diversidade e as singularidades humanas em África fica patente:

encontramos na estrada, envoltos em vários metros de panos multicolores, ostentando penteados tão extravagantes como o das damas da melhor sociedade de Paris ou do Rio de Janeiro, palmas das mãos pintadas de negro ou azul, pejudas de adereços, turbantes de meio metro de altura, sapatos pontudos em tonalidades berrantes, tudo isso formando um quadro pitoresco, dezenas de mulheres oualofs, a quem o sentido da evolução do país não escapa, ainda que guardado velhos hábitos (SANTOS, 1960, p. 95).

Apesar da tentativa de elaborar uma leitura não estereotipada a respeito do continente africano, algo raro em pessoas formados pelas universidades ocidentais (APPIAH, 1997), não podemos deixar de tecer críticas às leituras de Milton Santos, pois, mesmo que tenha lançado um olhar sobre os países africanos que buscou se destituir de preconceitos, ele não tratou nessa obra das relações políticas e geopolíticas que envolviam

⁸ A África, em estudos e em discursos presentes no cotidiano, é vista ainda a partir de um “olhar de fora”, próximo ao do colonizador do século XV, o que gera, muitas das vezes uma abordagem equivocada e preconceituosa, baseada nas visões de mundo construídas pelo imperialismo europeu (HERNANDEZ, 2005). O repertório de imagens estereotipadas e unas apresentam sempre uma África selvagem, em que a população negra vive de forma rústica, quando não miserável. Além disso, as culturas e formas de socialização presentes nesse continente são expressas de forma simplista; um conjunto caótico, mas ao mesmo tempo monolítico e homogêneo (RATTS *et al*, 2006-2007).



os países africanos em processo de descolonização e a França. Ele, contudo, pode fazer esse tipo de discussão com maior acuidade a partir de sua segunda viagem aos países do continente africano, no ano de 1962.

A COLONIZAÇÃO VISTA POR UM NEGRO AMERICANO

O momento em que Milton Santos realiza sua viagem para os países africanos, no ano de 1958, é o ápice das disputas políticas entre as colônias africanas e os países europeus pela independência. Como enfatiza Hernandez (2005), uma das implicações históricas da Segunda Grande Guerra (1939-1945) foi o declínio da centralidade europeia no sistema de poder mundial. Esgotadas economicamente e militarmente pelo fato de terem participado diretamente dos conflitos, as grandes potências europeias experimentaram uma limitação de sua capacidade de preservar coercitivamente grandes impérios coloniais. Ademais, dois novos fatores concorriam para a erosão das bases da legitimação do colonialismo europeu no mundo: primeiro, o crescimento do prestígio das concepções democráticas e dos movimentos progressistas, por definição anticolonialistas, que se seguiu à derrocada das forças do eixo nazifascista; e, segundo, a ascensão dos Estados Unidos e da União Soviética, as quais interferiram diretamente no processo de descolonização em alguns países africanos.

A França, a segunda maior detentora de territórios coloniais em África, empregou métodos de dominação colonial direta e a prática ostensiva da assimilação cultural. O resultado foi um enfrentamento, na maioria dos casos, bastante violento entre as administrações coloniais e os movimentos de libertação nacional, dos quais é exemplar a guerra de independência da Argélia (FANON, 1965).

Diante disso, a França, enfraquecida por conta da incidência dos conflitos da Segunda Guerra Mundial em seu território e as ações dos movimentos anticolonialistas nos países africanos, foi obrigada a reorganizar suas relações políticas e geopolíticas com suas colônias africanas - o que envolvia grande parte dos países da região centro-nordeste da África⁹. Os conflitos e acordos políticos entre estes países africanos e a França

⁹ Um exemplo disso é que a França, seguindo os passos do Reino Unido, procurou reintegrar suas antigas colônias africanas à sua área de influência econômica - e, por conseguinte, militar e diplomática, investindo na criação de uma zona comercial e financeira estruturada em torno de sua moeda (o franco) e no desenvolvimento da chamada “Comunidade Francófona”, o que de certa forma deu certo (HERNANDEZ,



perduraram entre as décadas de 1940-50, findando, de alguma forma com a “vitória” do país europeu, que conseguiu colocar no poder de suas antigas colônias, elites locais subordinadas (cf, N’KRUMAH, 1967).

Assim, Milton Santos, talvez por estar em uma viagem financiada pelo governo francês ou por não ser o objetivo de seu relato em sua primeira viagem, não tratou ou abordou superficialmente a problemática das relações colonialistas entre os países africanos e a França. Em uma segunda viagem ao continente africano, o intelectual pode falar com maior “liberdade” e profundidade sobre o problema da colonização nos países africanos e, novamente, de seu encontro pessoal com o “mundo negro”.

Essa viagem ocorreu em 1962, e, nas palavras de Milton Santos (2004b, p. 99), “como eu perdi o lugar no governo Jânio¹⁰, para não ficar muito chateado na faculdade, os amigos conseguiram com Jango que eu fosse posto à disposição do Ministério e ele me deu uma viagem para a África. Eu fui conversar com diversos presidentes a mando de Jango”.

Talvez, devido à política marcadamente de esquerda e nacionalista do presidente da época, João Goulart, dentre os países que o intelectual visitou em viagem oficial estavam Gana e Tunísia, exemplos emblemáticos na história de luta pela independência no continente africano. Gana foi o primeiro país da África sub-saariana a se tornar independente, o que ocorreu em 1957. O país teve um processo de independência marcado por conflitos ao “bater de frente” com as políticas colonialistas e pós-colonialistas da Inglaterra. Encabeçado pelo intelectual e pan-africanista Kwame Nkrumah (1967), o lema dessa nação no período dá o tom de seu processo de independência: “A África para os africanos!”. Já a Tunísia, conseguiu sua independência em 1956. Este país já vinha de um contexto mais amplo de movimentos nacionalistas realizados em países árabes do norte-africano. Alguns desses países, em especial Marrocos e Argélia, ainda na década de 1940, devido pressões junto às metrópoles, já haviam definido o árabe como língua única e oficial de suas nações e reformado suas Constituições a luz de sua realidade sócio-política.

2005).

¹⁰ O intelectual se refere ao posto de embaixador para o qual foi nomeado. Ele não pode assumir o cargo, pois estava em viagem para a França.



Acreditamos que Milton Santos, diante de toda essa movimentação política que ocorria nesses países, foi compelido a refletir e tratar de forma mais enfática das relações colonialistas e da desigualdade existente entre África, Europa e outros continentes, como as Américas.

Devemos ressaltar que Milton Santos nesse período dispensou bastante atenção ao continente africano – principalmente nas relações desse com o Brasil. Exemplo disso são os vários manuscritos dele existentes no acervo preservado por sua família em Salvador-BA¹¹. Além de várias fotografias, anotações, croquis e mapas relativos a países africanos elaborados pelo intelectual, há a estruturação de um livro denominado “África e Brasil” datado de 1962. Esta obra provavelmente nunca foi escrita, tendo em vista que pouco tempo depois o intelectual foi exilado, contudo, cremos que um resumo desse livro não-efetivado se expressou no artigo *L’afrique vue par un noir américain* (A África vista por um negro americano), publicado no Jornal *Jeune Afrique*, da Tunísia em 1962. Este jornal, cuja um dos editores era Albert Memmi, notadamente refletia o caráter político das recém independentes nações africanas e, especificamente a edição em que foi publicado o artigo de Milton Santos, tratava exatamente do processo de independência dos países africanos. O subtítulo desse jornal é *L’indépendance corrompue* [A independência corrompida].

No artigo mencionado, de início, Milton Santos posiciona-se diante da situação que vivenciou junto aos países africanos. Ele diz, “o importante de uma viagem como esta que acabo de fazer para alguns países da África Ocidental é de trazer o relato de um homem negro do Novo Mundo diante do nascimento e da formação de países onde se confrontam culturas e valores diferentes”¹² (SANTOS, 1962, p. 11). Nessa direção, como o fez em *Marianne Preto e Branco*, ele trata mais uma vez do “choque entre civilizações”, contudo, expõe os problemas gerados pela colonização nos territórios africanos. Assim, é destacada as duas Áfricas, a “África branca” e a “África negra”, e as implicações dessas nos aspectos culturais, econômicos e políticos das novas nações:

¹¹ Visitamos em 2010 o acervo de fotografias, livros e manuscritos de Milton Santos preservado pela família na antiga Escola Santa Terezinha, localizada na Estrada da Rainha, Baixa de Quintas, na cidade de Salvador-BA. O acervo foi transferido para Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), situado na USP.

¹² L'intérêt d'un voyage comme celui que j'ai effectué dans certains États d'Afrique Occidentale est d'apporter le témoignage d'un homme noir du Nouveau Monde devant la naissance et la formation de pays ou s'afférentes.”



O choque de culturas tem, todavia, o marco de uma significação cultural, econômica e política. A associação, as justaposições, simbiose e a assimilação no âmbito cultural vão juntos no âmbito cultural e o da reorganização dos territórios vai junto com muitas contradições. Os atrasos destes países são devido a essas contradições e o avanço técnico e econômico dos países que lá foram se instalar. Já se falou que a economia do tráfico foi a causa da reviravolta que as sociedades e as economias da África Negra sofreram desde o final do último século: as profundas transformações que se manifestaram naqueles países desde duas ou três gerações explicam muitas coisas¹³ (SANTOS, 1962, p. 11).

Esse “choque”, segundo Milton Santos, gerou um exacerbado nacionalismo nos países africanos – o que possui relação direta com o andamento da economia dos países – e, conseqüentemente, uma unidade incondicional em torno do governo para “o bem do país”. Continua ele, “é chamativo ver como a reação do colonialismo, que deu como resultado a ideia de nação e de nacionalismo, gerou a formação de países de território as vezes pequeno que se enxertaram sobre as fronteiras que resultam da partilha colonial”¹⁴ (SANTOS, 1962, p. 11).

A partir de uma perspectiva geográfica, Milton Santos ressalta o quanto foi danoso a herança deixada pelos colonizadores aos povos africanos. O intelectual alega que as fronteiras estabelecidas pelos colonizadores deveriam ser repensadas, talvez, até poderiam ser criados novos estados-nacionais para que fosse facilitada a cooperação e o desenvolvimento no continente, visto que, “estes países que desejam profundamente sua liberação econômica, a atrasam pela conservação destes limites, contrários às exigências históricas, geográficas e econômicas, agravam estas divisões pela manutenção das fronteiras e a multiplicidade das aduaneiras”¹⁵ (SANTOS, 1962, p. 11).

¹³ “Ce choc de cultures revêt tout à la fois une signification culturelle, économique et politique. L’association, la juxtaposition, la symbiose ou l’assimilation dans le domaine culturel s’accompagnent sur le plan économique et celui de la reorganization des territoires, de nombreuses contradictions. C’est à ces contradictions que sont dus les retards de ces pays et l’avance technique ou économique dès pays qui sont venus s’y installer. On a dit déjà que l’économie de “traite” a été à l’origine du bouleversement dont les sociétés et les économies de l’Afrique Noire ont souffert depuis la fin du siècle dernier: les transformations profondes que se sont manifestées dans ces pays depuis deux ou trois générations expliquent beaucoup de choses.”

¹⁴ “Il est saisissant de voir comment la réaction du colonialisme, qui a donné comme résultat l’idée de nation et le nationalisme, a entraîné la formation de pays à territoire parfois exigü qui se sont greffés sur des frontières résultant du découpage colonial”

¹⁵ “Il est saisissant de voir comment la réaction du colonialisme, qui a donné comme résultat l’idée de nation et le nationalisme, a entraîné la formation de pays à territoire parfois exigü qui se sont greffés sur des frontières résultant du découpage colonial”



Indo além, Milton Santos aborda as relações entre a África e a América do Sul, em especial o Brasil; as formas e conseqüências da colonização nesses territórios e uma possível cooperação política e econômica entre eles. De acordo com o intelectual, existem pontos comuns entre os problemas econômicos africanos e latino americanos que se fixam basicamente na busca da melhoria do nível de vida de suas populações e da independência econômica. Porém, as realidades do período não podiam disfarçar as diferentes evoluções históricas que foram responsáveis pelos aspectos particulares de cada realidade; em cada tipo de colonização estão contidas bases e nuances históricas diferenciadas. De tal modo,

no Brasil, assim como em todos os Estados da América Latina, onde a colonização política e econômica começou no século 16, a independência política ocorrida no início do século 19 não antecedeu o desenvolvimento econômico exceto em pequenas partes do país. Sendo que, nos países da África Negra a colonização começou depois da Revolução Industrial, na América Latina começou antes. A independência da América Latina ocorreu antes da introdução nestes países de novos meios técnicos. A conquista econômica, apenas esboçada em algumas regiões antes da partida dos colonizadores, continuou depois¹⁶ (SANTOS, 1962, p. 11).

Ao destacar os fatores territoriais dos processos econômicos de colonização e independência da América Latina e da África, Milton Santos enfatiza que na “África Negra” a organização dos territórios pelos estrangeiros antecedeu a conquista econômica. Nesse sentido, os países independentes herdaram territórios tecnificados, entretanto, os resultados foram os mesmos: liberdade política, dependência econômica. A América Latina independente desde muito tempo, com grande população, extensão territorial e riquezas ficou sem meios de resolver seus problemas econômicos. Isso ocorreu porque os países latino-americanos se inseriram na economia de mercado global sem as devidas estruturas técnicas em seus territórios, o que lhes fizeram reféns das nações européias e estadunidense.

As duas novas grandes potências (Estados Unidos e União Soviética), em ascensão na política internacional desse período, encontravam-se descomprometidas com a preservação dos domínios coloniais europeus na África e na Ásia. Devido a isso, vários

¹⁶ “Au Brésil, comme dans tous les Etats d’Amérique Latine, ou la colonization politique et économique a commence des le 16e siècle, l’indépendance politique survenue au début de 19e siècle, n’a pás precede Le développement économique, sauludans des parties réduites du pays. Alorse que, dans les pays d’Afrique Noire la colonisation a commencé après la renovation industrielle, em Amérique Latine, elle commencé avant L’indépendance de L’Amerique Latine est survenue avant l’inrodution dans ces pays des nouveaux myens tecaniques. La conquête économique piene ébauchée dans quelques régions avan Le départ des colonisateurs, s’est poursuivie après.”



países africanos, em seus processos internos de independência, receberam algum tipo de apoio dessas nações. Milton Santos (1962) se atentou a essa geopolítica que envolvia as novas nações independentes da África. De acordo com ele, a colonização nesse continente havia sido feita por países cuja influência no contexto mundial não era mais a mesma, por motivo do enfraquecimento dos países europeus na política internacional. Assim, apesar disso ter levado a África para um campo de intrigas geopolíticas, também fez com que ela se tornasse o local de encontro obrigatório para as novas potências que buscavam conquistar seu apoio, ou, ao menos, sua neutralidade. Esse é o fundamento político da ajuda que vários países africanos obtiveram dos Estados Unidos e da União Soviética, o que, segundo o intelectual, firmou-se como uma vantagem.

Diante disso, ao enfatizar a influência da “oposição Leste-Oeste” na geopolítica da África e da América Latina, especialmente no Brasil, aponta:

O Brasil, pelo contrário, não se beneficiou destas transformações porque no momento em que a oposição Leste – Oeste se manifestou, ele já estava envolvido numa aliança mais ou menos teórica, mais ou menos sentimental: o que é chamado pan-americanismo.

Este desenvolvimento histórico tem outras conseqüências: a África goza de uma margem de manobra bem maior nos jogos internacionais. Ela pode jogar no neutralismo ou não-alinhamento sem gerar protestos indignados nos planos da moral política internacional ou da solidariedade continental. Ao contrário, a América Latina, se ela fizer sequer o sinal de abandonar sua política tradicional com relação aos Estados Unidos correrá o risco de cair do outro lado com todas as conseqüências consideráveis que aquilo acarreta. O exemplo de Cuba é bem chamativo. Até a posição de não-alinhamento, sem falar de neutralismo, é difícil. Fraqueza devida sem dúvida à história dos fatores originais da colonização, mas que é repleto também de conseqüências nos planos internos, pois, o desenvolvimento do país depende, em grande medida da colaboração dos capitais estrangeiros¹⁷. (SANTOS, 1962, p. 12)

¹⁷ “Le Brésil, au contraire, n’a pas bénéficié de ces transformations parce qu’au moment où l’opposition Est-Ouest s’est manifestée, il était déjà impliqué dans une alliance plus ou moins théorique, plus ou moins sentimentale: ce qu’on appelle le panaméricanisme.

Ce développement historique a d’autres conséquences encore: l’Afrique jouit d’une marge de manœuvre beaucoup plus grande dans les jeux internationaux; elle peut jouer sur le neutralisme ou le non-alignement sans soulever de protestations indignées sur les plans de la morale politique internationale ou de la solidarité continentale. Au contraire, l’Amérique Latine, si elle fait même le signe d’abandonner sa politique traditionnelle vis-à-vis des États-Unis se trouve sous la menace de tomber de l’autre côté avec toutes les conséquences considérables que cela comporte. L’exemple de Cuba est bien saisissant. Même la position de non-alignement, sans parler du neutralisme, est difficile. Faiblesse due sans doute à l’histoire, aux facteurs originaux de la colonisation, mais qui est aussi riche de conséquences sur les plans internes, car le développement du pays dépend dans une large mesure de la collaboration des capitaux étrangers.”



Pode ser que as interpretações do intelectual sobre o continente africano tenham sido precipitadas, ao imaginar que as infra-estruturas deixadas no território pelos colonizadores permitiriam um desenvolvimento dos países recém independentes e que o contexto de bipolarização mundial era vantajoso à geopolítica das novas nações africanas. Como a história nos mostra, esses fatores levaram na verdade à acentuação da exploração e à pauperização do continente. Contudo, anos depois, período em que estava exilado na França, Milton Santos (1989 [1981]; 1996 [1971]) pôde observar e teorizar sobre os países africanos e demonstrar como estas “infra-estruturas territoriais” e a política bipolarizada internacional nada serviram para o desenvolvimento das nações africanas, elas atuaram sim, para a ampliação do capital das grandes corporações européias, estadunidenses e da União Soviética. Contudo, ficou a lição de que objetos técnicos em si são indistintos, dependem do agenciamento das ações pela sociedade, aspectos ao qual o intelectual realizou a crítica tempos depois (cf. SANTOS, 2004a).

Nos fins dos anos 1960 e início dos 1970 o intelectual se debruça sobre a realidade dos “países subdesenvolvidos”, referente os quais tratou, sobretudo, dos processos de urbanização. Um dos temas relacionados ao urbano tratados por Milton Santos foi a segregação, acerca da qual, ao observar a realidade de alguns países da África, percebeu que esta possuía uma dimensão étnica e racial.

A SEGREGAÇÃO ÉTNICA E RACIAL NAS CIDADES AFRICANAS

Como expresso na obra *Marianne em preto e branco*, as primeiras impressões de Milton Santos acerca da Europa, especificamente da França, são bastante elogiosas e um tanto ludibriadas. Marcado por uma educação quando criança e jovem que se referenciava e, ao mesmo tempo, exaltava o “mundo europeu”, ao realizar o “sonho” de conhecer esse continente, enalteceu suas instituições universitárias, as relações políticas, a imprensa, economia etc. Porém, em seu exílio na França após 1964, ele não somente pode rever vários de seus posicionamentos sobre a Europa, como também estabelecer críticas.

Na condição de exilado, “refugiado na filosofia” como mencionou em algumas entrevistas (SANTOS. 2004b, P. 110), as críticas incidiram justamente na universidade, acerca, principalmente, das proposições teóricas dos pesquisadores dos “países



desenvolvidos” sobre os “países do terceiro mundo”. Concernente a isso, pondera Milton Santos (2007[1989], p. 49-50),

a minha presença na França foi muito importante na vontade de elaborar uma outra teoria da urbanização do Terceiro Mundo (...) Na realidade eu tinha uma leitura de segunda mão [sobre a urbanização no Terceiro Mundo], através de Pierre George, mas sobretudo de Tricart e também um pouco de Rochefort, René Dugrand, Bernard Kayser, com quem sempre mantive relações muito boas, porque Tricart me sugeriu ir visitar todos esses jovens geógrafos que escreviam teses em 1956-1958. Dando aula na França, cheguei à conclusão que aquilo que eu ensinava, lido na Escola Francesa, não me satisfazia. Comecei, então, a querer fazer outra coisa e é daí então que vem essa vontade de teorização sobre urbanização, que vai desembocar nos livros que eu publiquei ainda na França e depois nos EUA e na Inglaterra e que são, digamos assim, uma outra forma de ver o Terceiro Mundo, a partir de uma cabeça do Terceiro Mundo.

O exílio permite ao intelectual a experiência empírica em dois mundos. É justamente isso, como aponta Said (2003, p. 59), o que proporciona a originalidade da visão de mundo de um exilado, pois, “essa pluralidade de visão dá origem a uma consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que – para tomar uma palavra da música – é *contrapontística*”. E é a partir dessa visão “contrapontística” que Milton Santos realiza suas críticas aos estudos realizados por europeus.

Em testemunho, Claval ressalta que o intelectual tornou-se amplamente conhecido nos meios geográficos franceses por conta de suas pesquisas e elaborações teóricas sobre o “terceiro mundo”. Por conta da publicação do livro “Les Villes du Tiers Monde” (1971), ressalta Claval (1996, p. 102),

Milton não teve nenhuma dificuldade em convencer-me do interesse da publicação de uma obra de síntese sobre os problemas urbanos dos países de desenvolvimento. Dispunha de uma experiência direta de grande parte da América Ibérica e de um conhecimento muito extenso de tudo que fora publicado sobre a África. Estava a par da maior parte dos trabalhos em curso na Ásia Meridional e do Sudeste e no Oriente Médio.

É justamente a partir da produção do intelectual entre o final da década de 1960 e início de 1970 – referentes às pesquisas sobre as “cidades do terceiro mundo” e de seus cursos ministrados na Sorbonne em Paris – que foi editado em 1981 no Brasil o livro *Manual de geografia urbana*¹⁸.

¹⁸ Esta obra, mais exatamente, é a republicação revisada do “*Cours de Géographie et Économie Urbaine des Pays Sous-Developpés*”, editado na França pelo “*Centre de Documentation Universitaire*” no ano de 1967.



Nesta obra Milton Santos aborda o processo de urbanização nos países subdesenvolvidos – o que inclui países dos continentes americanos, africano, asiático e do Oriente Médio – e aponta como a dinâmica do capital influenciou na constituição das cidades, o que, devido a uma série de fatores elencados pelo intelectual, as diferenciava das cidades dos países desenvolvidos.

Novamente um dos temas tratados por Milton Santos é a colonização. Desta vez aborda especificamente como este processo influenciou na conformação urbana dos países subdesenvolvidos. Na quinta e última parte do mencionado livro, intitulada “O espaço interno”, o intelectual inicia suas discussões exatamente com citações da obra *Lês damnés de la Terre*, de autoria de Frantz Fanon (traduzido no Brasil como *Os condenados da terra*), as quais seguem abaixo:

em sua obra *Lês damnés de la Terre* (p. 07 e 08), Frantz Fanon define o mundo colonial como “um mundo fragmentado, um mundo partido em dois”. Precisando mais seu pensamento, descreve a cidade, ou melhor, as cidades coloniais: a cidade do colonizador “sólida, construída em pedra e ferro (...), iluminada, asfaltada, onde as latas de lixo estão sempre cheias de restos desconhecidos jamais vistos, nem sequer imaginados (...), com as ruas limpas, lisas, sem buracos, sem pedras, cidade saciada, preguiçosa (...)”. E a cidade do colonizado, “ou, pelo menos, a cidade indígena, o povoado negro, a *medina*, a reserva, lugar mal afamado, povoado de seres mal alimentados. Não importa onde nem como se nasce. É um mundo sem intervalos, onde os habitantes se amontoam assim como as casas. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de calçado, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade dobrada, uma cidade ajoelhada, uma cidade encolhida. É uma cidade de negros”. E conclui o autor: “não existe um só colonizado que não sonhe, ao menos uma vez ao dia, instalar-se no lugar do colonizador” (FANON, 1961, p. 07-08 *apud* SANTOS, 1989[1981], p. 171).

A partir dessas citações Milton Santos busca discutir o “espaço intraurbano” das cidades dos países subdesenvolvidos, de maneira especial, as desigualdades e diferenciações presentes nas paisagens e no tecido urbano dessas cidades. A variável étnico-racial aparece nitidamente neste ponto de suas análises, em que ele busca averiguar esse tipo de cidade dividida.

Uma das primeiras questões postas pelo intelectual acerca dessa discussão é: mesmo que as cidades nos países subdesenvolvidos tenham se constituído de maneira diferenciada, existem semelhanças entre as mesmas? Nas palavras do intelectual,

por diversas que sejam a gênese e a função das cidades nos países subdesenvolvidos, seu tecido urbano oferece hoje em dia surpreendente semelhanças, como se a evolução contemporânea conduzisse a uma unificação



da realidade dos países do Terceiro Mundo, a partir de um passado extremamente diverso (SANTOS, 1989[1981], p. 200).

Ainda que seja dada certa importância às questões socioeconômicas nas similitudes das cidades presentes nos países pobres, o intelectual, também, aponta a colonização como um dos fatos influenciadores disso. Como ele ressalta, a colonização, como um processo histórico que ocorreu nas Américas, na África, no Oriente Médio e na Ásia, influenciou na estruturação das cidades desses continentes, mesmo que com temporalidades e dinâmicas distintas.

Nesse sentido, na medida em que as cidades dos países subdesenvolvidos foram constituídas em um contexto de desigualdade histórico e socioeconômico, as disparidades se fizeram presentes na distribuição dos equipamentos urbanos, na forma das habitações, nos locais de *habitat*, na distribuição populacional, etc. E é pensando nisso que Milton Santos, acompanhando as apreciações de Frantz Fanon, enfatiza a existência de “diversas cidades dentro da cidade”.

Ainda segundo o intelectual, para se analisar a “paisagem urbana” deve-se observar os “elementos estáveis” e “elementos mutáveis”, sendo estes: o “patrimônio imobiliário” e sua constituição histórica, as “estruturas jurídicas da propriedade do solo urbano”, a “realidade social” – que pode ser analisada segundo o nível de renda, as atividades profissionais e as distinções étnicas -, e os “intercâmbios econômicos e sociais” presentes no urbano.

Limitando-nos aos aspectos “étnico” presentes nessa proposição metodológica, Milton Santos destaca o “elemento étnico” como um fator importante para se observar nas cidades dos países subdesenvolvidos e colonizados. Utilizando o exemplo das cidades africanas para compor ponderações sobre as características demográficas e étnicas presentes na conformação do “tecido urbano”, o intelectual nota que a estrutura da população se diferencia bastante étnica e racialmente segundo os bairros. Continua ele:

Na época da colonização, e ainda hoje, na África do Sul, ou mesmo em certos países da África onde raças distintas coexistem, os “cooperantes” são numerosos, a segregação racial, de fato ou de direito, domina a paisagem humana da cidade. Por outro lado, fenômeno menos visível, os imigrantes agrupam-se frequentemente por etnias, cada uma das quais ocupando um espaço determinado (SANTOS, 1989[1981], 176).



São destacados por Milton Santos as duas formas de agrupamento “étnico” presente nas cidades – principalmente as africanas, ou seja, o “agrupamento segregatório”, constituído ou não pelo Estado, e o agrupamento pautado pela identidade étnica – segundo ele, na maioria dos casos, formado por migrantes do campo. Todavia, estes agrupamentos ou segregações estão lado a lado com a segregação socioeconômica nas cidades, além do mais, no que concerne ao caso africano,

a segregação econômica, deriva, dentre outras razões, como é natural, dos preços dos aluguéis e dos terrenos. Somente as camadas um pouco mais bem aquinhoadas da cidade podem alugar um apartamento ou supor as prestações de uma casa, automaticamente criando zonas de bairros favorecidos e zonas de bairros pobres. Sendo as classes nativas as mais pobres e as mais desfavorecidas, a segregação econômica converte-se frequentemente em segregação étnica. Por não serem comparáveis as diferenças entre os níveis de vida dos, por exemplo, brancos e pretos, a responsabilidade deste estado de coisas recai sobre o Estado, uma vez que este não ignora, desde o início, a existência de diferenças pecuniárias entre os diversos estratos sociais da cidade. Assim, deparamo-nos, em definitivo, frente a frente com duas cidades: a cidade rica e a cidade pobre, ou a cidade branca e a cidade de cor, separadas uma da outra pelas classes médias. O planejamento habitacional, nas condições atuais, reforça as tendências segregacionistas (SANTOS, 1989[1981], p. 191-192).

Como visto na citação, o Estado é colocado como um agente de grande importância na estruturação da “segregação étnica” nas cidades africanas. Ressalta o intelectual que nas cidades onde vigora o “apartheid”, “seguindo a famosa cláusula política: ‘iguais, mas separados’, a palavra de ordem é agora: ‘habitação, mas separada’ (SANTOS, 1989 [1981], p. 189).

Por fim, mais uma vez Milton Santos toma como exemplo a “segregação étnica” presente em cidades da África para destacar que, “as cidades legalmente racistas da África do Sul representam o mesmo fenômeno levado ao extremo e não constituem, desse modo, uma aberração estranha aos modelos que prevalecem no resto do mundo”. Em outros termos, cidades da América Latina, Ásia e Oriente Médio reproduzem a mesma lógica de segregação. O intelectual também ajuíza acerca das consequências disso: “na maioria dos casos, como na África, a segregação racial se transformou em segregação social depois da descolonização. Por essa razão, o ‘tecido urbano’ é o lugar de confrontações em potencial.” (SANTOS, 1989 [1981], p. 202).

Milton Santos destaca que estes locais são alvo de discursos demagógicos, elaborados pelos meios de comunicação e o Estado, que tentam adormecer as



reivindicações populares. Entretanto, apresentando já indícios de suas ideias sobre a “força do lugar”¹⁹ na metrópole ele pontua ironicamente: “o feitiço, como é de regra, pode se voltar contra o feiticeiro, em vez de favorecê-lo” (SANTOS, 1989 [1981], p. 202).

AFLUÊNCIAS TANZANIANAS EM MILTON SANTOS

Nos últimos anos de exílio, de 1974 a 1976, Milton Santos viveu na Tanzânia. Foi convidado para trabalhar como professor e fundar um programa de pós-graduação na Universidade de Dar es Salaam. A ida do intelectual para a Tanzânia estava diretamente ligada às políticas de descolonização promovidas pelo presidente Julius Nyerere que buscavam construir novas imaginações e sensibilidades políticas - para além das visões imperialistas e coloniais do norte.

A universidade e o ensino superior foram locais estratégicos para o processo de descolonização e a aprendizagem descolonial projetado Nyerere. Como indica Ferreti (2020), isso coincidiu com o programa e o perfil de Milton Santos, o que envolvia, não somente uma crítica às teorias elaboradas no “norte”, mas, um “retorno teórico” ao Sul. Estava em jogo nessa projeto político e geopolítico no qual o intelectual estava envolvido, tornar a África subsaariana um lugar de produção e difusão de conhecimento original - pelas margens da Guerra Fria, ao invés de simplesmente vulgarizar e reproduzir noções ocidentais. Enfim, o Milton Santos, com seu comprometimento acadêmico para um desenvolvimento crítico no “Terceiro Mundo”, direta ou indiretamente, participou dos processos de descolonização que ocorriam em África, especificamente na Tanzânia.

Por outro lado, a experiência na Universidade de Dar es Salaam também foi importante para a própria ampliação teórica e epistemológica de suas leituras a partir da Geografia. Primeiro, segundo ele, porque possuía muito tempo livre para estudar e realizou leituras sobre filosofia, filosofia da física, economia política etc. Segundo a própria realidade geográfica tanzaniana o instigou:

Na Tanzânia, eu vi o capitalismo entrando lentamente. Foi muito importante, para a elaboração teórica do território, descobrir que um país, com sua história e sua organização geográfica, pode ser ou não um obstáculo, refazendo a história da entrada do capitalismo e distinguindo as formações sociais desse ponto de vista. Talvez aí tenha vindo essa idéia, que desenvolvi depois, da formação socioespacial - sem o espaço não dá para entender a produção do capitalismo (SANTOS, 2004b, p.109).

¹⁹ Milton Santos (2001[2000], 2004a) desenvolveu esse pensamento posteriormente baseado na ideia de que a vivência coletiva da escassez proporcionaria a conscientização e a ação para a transformação social.



Do mesmo modo, em carta remetida para o reitor da Universidade Albert Temu, quando já se encontrava no Brasil, Milton Santos não somente demonstra seu comprometimento com a política do conhecimento projetada por Nyerere, como enfatiza a influência do presidente e desse contexto em suas elaborações teóricas:

Repense o que aprendi em seu país extraordinário. Acredite, minha estada lá marca uma virada definitiva na minha maneira de pensar sobre o espaço e conceber minha disciplina. [Eu envio duas cópias do meu artigo] porque uma delas eu gostaria que você desse ao Presidente Nyerere, a quem eu disse, um dia, que ele era o melhor dos geógrafos devido à sua compreensão do fato de que para mudar um país, primeiro precisamos mudar seu espaço. Só temos que ter cuidado com as possibilidades de mudar o espaço de fora e servir alvos externos²⁰ (SANTOS apud FERRETI, 2020, p. 16 tradução livre)

Como nota Ferreti, provavelmente o artigo mencionado por Milton Santos é *Formação Sócio-Espacial*, publicado em uma edição especial da Antipode, que ele editou em conjunto com Richard Peet em 1977. Milton Santos utiliza esse artigo como um meio para dar voz aos autores do “Terceiro Mundo”, para reafirmar a importância de África para este projeto teórico e o impacto da experiência na Tanzânia para a definição de ideias-chave do seu pensamento - o que inclui a noção de “espaço dividido” elaborada nesses anos (FERRETI, 2020). Para além disso, há uma crítica à teoria marxista eurocentrada, que impedia enxergar às especificidades das formações e como o modo de produção capitalista se acomoda diferencialmente no espaço. O uso central de Amílcar Cabral (militante orgânico na luta pela independência de Guiné-Bissau) em sua noção de formação sócio-espacial, dá o tom dessa crítica.

Por fim, o término das atividades de Milton Santos como professor na Tanzânia evidencia dois aspectos. O primeiro, diz respeito ao ciclo de amizades e trabalho no qual Milton Santos estava inserido. De acordo com Ferreti (2020), o intelectual compunha uma ampla “rede Sul-Sul” de intelectuais e pesquisadores. Fato disso, além das colaborações em pesquisas, em 1977 recebeu um convite para criar um departamento de Geografia na Universidade de Port Harcourt (Nigéria) de um dos amigos que ele havia conhecido na América do Norte, o cientista político nigeriano Claude Ake. Essa foi uma solução

²⁰ “I rethink what I have learned in your extraordinary country. Believe me, my sojourn there marks a definitive turning point in my way of thinking about space and conceiving my discipline. [I send two copies of my paper] because one of them I would like you to give to President Nyerere, to whom I told, one day, that he was the best of geographers because of his understanding of the fact that to change a country, we have first to change its space. Only we have to be careful about the possibilities of changing space from the outside and to serve outside targets.”



"africana" para uma pessoa do sul, banido de seu país (FERRETI, 2020). A correspondência institucional entre Santos e os oficiais de Port Harcourt demonstra que as negociações chegaram a um estágio avançado. Contudo, no derradeiro momento, Milton Santos decidiu não ir, pois, sua mulher estava grávida (ele desejava que seu filho nascesse na Bahia) e porque percebia que haviam possibilidades de retornar ao Brasil, com o abrandamento da ditadura (cf. SANTOS, 2004b, 2004c).

Do mesmo modo, a experiência prolongada de Milton Santos na Tanzânia o fez sentir o peso de ser uma pessoa negra da Diáspora, algo distinto de suas primeiras e passageiras viagens ao continente que expressavam afeição e júbilo. Em suas palavras, “negro ou não, na África eu era mesmo brasileiro. Voltei a ser, quando morei mais tempo na Tanzânia. Eles não me reconheciam” (SANTOS, 2004b, p. 100). O trágico é que em seus últimos textos, Milton Santos afirmou que não pertencia efetivamente a nação brasileira, que era um “cidadão mutilado” por ser negro (cf. SANTOS, 1996/1997, 2002 [2000]).

A experiência de Milton Santos em África evidencia os paradoxos da diáspora africana, algo que Du Bois qualificou como “dupla consciência” e Hartman (2008) de “alienação natal”. Os traumas e rupturas produzidos pela escravidão levam as pessoas negras da diáspora a experienciar um série de conflitos; uma sensação de estar em uma nação, mas não pertencer a ela; o conhecimento de ancestrais que não podem ser nomeados; saber de origens que não podem ser rastreadas etc. Enfim, essa realidade, a qual Milton Santos parece fazer parte, forma subjetividades e sujeitos que estão em um vácuo no tempo-espaço, que não estão em casa em lugar nenhum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos que o que apresentamos são apenas apontamentos. Cabe ainda pesquisas mais sistemáticas sobre África em Milton Santos, o que pode ampliar ainda mais o conhecimento sobre a obra do intelectual. Nesse sentido, por fim, destacamos dois aspectos sobre as discussões realizadas. Primeiramente, reiteramos que tentar compreender África no conjunto da vida e obra de Milton Santos evidencia a complexidade em volta do intelectual. Demonstra que há ainda muitos caminhos a se trilhar para entender devidamente sua obra teórica - que, não está desconectada de sua



vida. Nota-se que África aparece como um dos nós de sua trajetória e cumpriu um papel importante na tomada de uma consciência complexa sobre mundo. A realidade africana exerceu um papel importante na construção da teoria de Milton Santos e, para compreender sua obra, é importante entender como África o afetou.

Segundo, não há uma unidade conceitual ou contextual entre os textos e livros de Milton Santos analisados nesse artigo. Algo, no entanto, que os atravessa é a discussão sobre o colonialismo: desde a tentativa de compreender o papel dos africanos no povoamento da Bahia, passando por suas narrativas de viagem sobre África e a segregação étnico-racial em cidades africanas, até seus anos como professor em Dar es Salaam, a questão envolvendo o colonialismo se expressa, direta ou indiretamente, nas interpretações teóricas e na experiência pessoal do intelectual. Não conseguimos dar o devido tratamento a esse assunto aqui, o que merece análises em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa do meu pai*. São Paulo: Contraponto, 1997.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. *Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e na trajetória socioespacial de Milton Santos*. Dissertação de mestrado. Goiânia: IESA/UFG, 2010.
_____. *Inscrições da racialidade no pensamento geográfico brasileiro (1880-1930)*. Tese de doutorado em Geografia. Niterói: PPGeo-UFF, 2015.

CONCEIÇÃO, Fernando. *Milton Santos, um perfil biográfico*. Petrobrás; Edição do autor: São Paulo, 2016.

CLAVAL, Paul. *As cidades do terceiro mundo de Milton Santos*. In: SOUZA, Maria Adélia A. de. *O mundo do cidadão, um cidadão do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 102-105.

ERIBON, Didier. *As heterotopias de Michel Foucault*. In: _____. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
_____. *Foucault e seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
_____. *Por la revolución africana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1965.

FERRETI, Federico. *Subaltern connections: Brazilian critical geographers, development and African decolonization*. In: *Third World Quarterly*. 2020. Acessado 21/02/2020 em <https://www.academia.edu/41878929/F._Ferretti_2020_Subaltern_connections_Brazilian_critical_geographies_and_African_decolonisation_The_Third_World_Quarterly_early_view_https_www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01436597.2020.1722095>

HARTMAN, Saidiya. *Lose Your Mother: A Journey Along the Atlantic Slave Route*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2008.

HERNANDEZ, Leila Leite. *África na sala de aula: visita à história contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

N'KRUMAH, Kwame. *Neocolonialismo: o último estágio do imperialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MCKITTRICK, Katherine. *Demonic Grounds: Black Women and the Cartographies of Struggle*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.

RUFINO DOS SANTOS, Joel. O negro como lugar. In: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V.. *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996. P. 219-223.

SAID, Edward W.. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. Reflexões sobre o exílio. In: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*. 4ªed. São Paulo: EDUSP, 2004a.

_____. *Território e Sociedade: entrevista com Milton Santos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004b.

_____. *Testamento intelectual*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004c.

_____. *O intelectual negro no Brasil*. Ethnos N° 1 (1), 2002 [1989], p. 7-10.

_____. Ser negro no Brasil hoje. In: RIBEIRO, W. C. (org.). *O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002 [2000]. p. 157-161.

_____. *Manual de Geografia Urbana*. São Paulo: HUCITEC, 1989 [1981].

_____. As exclusões da globalização: pobres e negros. In: FERREIRA, A. M. T. *Na própria pele*. Porto Alegre: CORAG/Secretaria de Estado da Cultura, 2000. p. 9-20.

_____. Cidadanias mutiladas. In: LERNER, Julio (Ed.). *O preconceito*. São Paulo: IMESP, 1996/1997, p. 133-144.

_____. “Nossos irmãos africanos”. *Jornal A Tarde*, 12/03/1962. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Milton Santos: geógrafo e cidadão do mundo. In: *Afro-Ásia*, 25-26 (2001), p. 369-405.

_____. L`afrique vue par un noir américain. *Jeune Afrique*. N. 79 – 7-13, avril, 1962. p. 11-12.

_____. *Marianne em preto e branco*. Salvador: Progresso, 1960.

Recebido 20/02/2020

Aceito em 30/03/2020